

LEITURA DA IMAGEM: A ILUSTRAÇÃO NOS LIVROS INFANTIS

Luís CAMARGO*

Há ainda quem se espanta com a leitura de imagens, como havia quem se espantava, antigamente, com a audição de estrelas. Lembrem-se da queixa de Bilac?

- Ora, (dizeis) ouvir estrelas! Certo
perdestes o senso! E eu vos direi, no
entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

Os poetas, que lutam com a palavra, não lutam contra a ilustração. Mario Quintana, por exemplo, lembra com carinho das ilustrações dos seus livros de menino:

Eu fui um menino por trás de uma
vidraça - um menino de aquário.

Via o mundo passar como numa tela
cinematográfica, mas que repetia sempre
as mesmas cenas, as mesmas personagens.

Tudo tão chato que o desenrolar da
rua acabava me parecendo apenas em preto
e branco, como nos filmes daquele tempo.

O colorido todo se refugiava, então,
nas ilustrações dos meus livros de histó-

* Escritor e ilustrador de livros para crianças.

rias, com seus reis hieráticos e belos
como os das cartas de jogar.

No poema *Fim*, em *Boitempo*, Carlos Drummond de Andrade lembra as gravuras da revista *O Tico-Tico* (publicado de 1905 até fins da década de 50):

Por que dar fim a histórias?
Quando Robinson Crusoe deixou a ilha,
que tristeza para o leitor do *Tico-tico*

Era sublime viver para sempre com ele e com
Sexta-Feira,
na exemplar, florida solidão,
sem nenhum dos dois saber que eu estava aqui.

Largaram-se entre marinheiros-colonos,
sozinho na ilha povoada,
mais sozinho que Robinson, com lágrimas
desbotando a cor das gravuras do *Tico-Tico*

Como se lê imagens?

Vou exemplificar com o livro *O vento*, de Mary França e Eliardo França, um livro pequeno, com 12 páginas; o texto é curtinho - menor que um soneto - tem 12 linhas.

Mas vamos às imagens:

O vento soprou de leve.

Balançou as flores pra lá e pra cá.

O vento soprou frio no rosto dos meninos.

O vento soprou forte.

Levou o chapéu do seu Juca.

Levantou a saia de dona Sônia.

Mas este é o texto, diz o leitor perspicaz.

É verdade, reconheço o engano: este é o texto. É um vício que a gente tem: lê as palavras rapidinho e se espanta: "já acabou?"

Quais são as imagens?

As flores que balançam no texto, na ilustração se inclinam para a direita. Dá até pra gente saber de onde vem o vento, personagem principal, protagonista, mas... invisível.

Virando a página, o vento soprou frio no rosto dos meninos. Que meninos? De onde vêm, para onde vão?

Sem preocupações metafísicas, podemos dizer que vêm ou vão para a escola. Como? Pelos indícios: pasta, mochila, lancheira.

Mas o vento não escolheu só os meninos para soprar. Quem mais? Um moço, de calça listada, mão no bolso, segurando um chapéu de palha.

Resumindo: a ilustração descreve atores, cenário, figurino, iluminação.

O que o ilustrador descreve, descreve de um ponto de vista, ou seja, de perto, de longe, mais próximo, mais distante, olhando de cima para baixo, de baixo para cima, etc.

As flores que o vento balança de leve, por exemplo, são vistas de pertinho.

Os meninos são vistos de perto, mas não muito, tanto assim que dá até para ver um casario de estilo colonial ao fundo.

Nas páginas seguintes, seu Juca e dona Sônia não estão sozinhos. Aparecem outros personagens e o cenário é mais amplo: o ilustrador se afasta, vê a cena de mais longe.

Virando a página, na ilustração central do livro vemos vários planos: um primeiro plano com o gatinho agarrado à cortina; um segundo, com o casario visto de cima para baixo; e um terceiro, com as montanhas.

Como um cinegrafista, o ilustrador se afasta ou se aproxima, escolhendo o melhor enquadramento e o melhor ângulo.

Para ler, eu viro as páginas, faço um movimento.

Para ver, meus olhos se movimentam, passeiam pela página, focalizam a página inteira, as páginas abertas ou um detalhe da ilustração.

Movimento lembra a palavra grega *rhythmos*, "movimento ou ruído que se repete, no tempo, a intervalos regulares com acentos fortes e fracos", como diz mestre Aurélio (grifo meu).

E na ilustração, o que é ritmo? É ainda mestre Aurélio quem nos salva: "nas artes, na literatura, no cinema, etc., a disposição ou desenvolvimento harmonioso, no espaço e/ou no tempo, de elementos expressivos e estéticos, com alternância de valores de diferente intensidade." (grifo meu)

Nas ilustrações de *O vento*, quais os elementos expressivos e estéticos que se repetem?

- . cabelos despenteados
- . roupas onduladas
- . inclinação das flores, folhas, árvores, palmeiras, do matinho 'beira' do ribeirão, das bananeiras e roseiras
- . paredes descascadas, sem reboco, mostrando os tijolos: no muro do chafariz, na casa de esquina que tem portas e janelas verdes; no muro do quintal onde estão as bananeiras; na parede da igreja em frente ao coreto.
- . pedras: no chão, em frente ao chafariz; na ponte e no coreto
- . balão vermelho
- . telhadinho no muro do chafariz, na casa em primeiro plano na ilustração central, no muro do quintal das crianças com cataventos.

Mas tudo isso ainda são coisas, não são elementos expressivos e estéticos. Nas artes visuais, e na ilustração, em particular, quais seriam esses elementos?

A linha, a cor, a forma...

No livro O Vento, que linha se repete?

A linha ondulada das pétalas, das flores, dos cabelos, da saia da dona Sônia, da cortina rosa com bolinhas vermelhas, da roupa no varal, das folhas das bananeiras, do rabo do galo garnisé, etc.

E quanto à cor, que cores se repetem?

O vermelho no balão da capa, nas flores na primeira página, no helicóptero, etc.

O verde e rosa também se alternam pelas páginas, numa disposição e desenvolvimento harmoniosos.

Que formas se repetem?

Para não me estender demais, fico só na primeira página: nela há uma forma de gota que vai se repetindo, formando um leque, representando pétalas, formando a corola, construindo flores, num desenvolvimento harmonioso no espaço.

A alternância de valores de diferentes intensidade mencionada por Aurélio é dada pela alternância das cores nas pétalas: rosa e vermelho, laranja e amarelo.

O ilustrador, com relação àquilo que ele escolhe para representar, pode ter uma atitude descritiva, procurando imitar ou copiar o mais fielmente possível o modelo, como os ilustradores dos livros de botânica, zoologia, anatomia; como nossos artistas viajantes do século XIX (Florence, Taunay, Rugendas), que foram descrevendo nossa fauna, flora, tipos humanos, arquitetura, paisagens.

Ao invés de descrever tintim por tintim, detalhe por detalhe, o ilustrador pode se afastar do modelo, deformando, estilizando, rabiscando, manchando...

O ilustrador pode optar por se afastar do modelo, deformando, com intenção satírica, como na

caricatura, ou deformando com intenção dramática, como as mãos cheias de dedos nas ilustrações de Ciça Fittipaldi para *A Tartaruga*, de Luiz Gouveia de Paula.

O ilustrador pode, também, estilizar, isto é, simplificar as formas com uma intenção ornamental, decorativa. Se essas palavras sugerirem despreço, uso outra - intenção estética.

Voltando a *O Vento*: na primeira página, que flores são essas que balançam com o vento? Difícil dizer. Eliardo França não descreve as flores. Seu interesse não é descritivo, mas estético. Ele concentrou sua atenção na sinuosidade das linhas, na suavidade das cores, na maciez da textura, na disposição harmoniosa das formas...

Sintetizando, podemos dizer que há vários níveis de leitura de imagem:

- . o que o ilustrador descreve: os atores, cenário, figurinos (função descritiva)

- . o que o ilustrador narra: o que acontece, o que fazem os atores (função narrativa)

- . de onde o ilustrador descreve, isto é, o seu ponto de vista: perto, longe, de cima para baixo, de baixo para cima, etc.

- . como o ilustrador descreve e/ou narra: realisticamente, satirizando, estilizando, ornamentando, debochando, angelizando, etc. (funções expressiva, simbólica, estética)

- . que elementos expressivos e estéticos o ilustrador usa e como os utiliza: linha, cor, forma, etc. (função estética)

Não é minha intenção transformar estas observações em fichas de leitura de imagem, mas apenas sugerir que há mais coisas para ver numa ilustração do que sonha o leitor apressado.

O que a criança entende de tudo isso? Este tema merece estudo cuidadoso. Gostaria só de adiantar que o adulto não é o leitor mais autorizado, nem o especialista, nem mesmo o próprio autor. Muitas vezes a criança surpreende, sendo mais sensível e perspicaz que muito marmanjo.

Quando estava escrevendo este texto, relendo vários livros de imagem, dei para minha filha de cinco anos o livro *Outra vez*, de Ângela Lago. *Outra vez* tem um eixo narrativo principal entrelaçado com vários eixos secundários e as ilustrações são cheias de detalhes.

Costuma-se dizer que livros de imagem com muitos elementos não são adequados para o pré-leitor.

Pois Melina folheou o livro, voltou para o começo, folheou novamente e comentou: "Que livro bonito, né pai?".